



## O *Carmen de insitione* de Paládio como reescrita da tradição agrônômica latina

### *Palladius' Carmen de Insitione as Rewriting of the Latin Agronomical Tradition*

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil

mattrevi2017@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

**Resumo:** Neste artigo, temos o objetivo de discutir como Rútílio Tauro Emiliano Paládio (séc. IV-V d.C.) reescreve a tradição agrônômica da literatura latina. Como discutiremos, isso ocorre porque, primeiramente, no livro XV de seu *Opus agriculturae*, ele se dedica a dar feições poéticas ao assunto do enxerto arbóreo, assim como fizera Virgílio em *Geórgicas* II, 69-82. Em segundo lugar, quando insere esse mesmo livro – majoritariamente escrito sob a forma de dísticos elegíacos – em meio a um tratado técnico prosístico, Paládio repercute procedimentos antes adotados por Lúcio Júnio Moderato Columela (séc. I d.C.) para o livro X de seu *De re rustica*. Contudo, sempre introduzindo adaptações e remodelagens atinentes às suas escolhas, o autor de *Opus agriculturae* renova a tradição de escrita multissecular em que se insere.

**Palavras-chave:** tradição; reescrita; literatura técnica; Paládio; poesia.

**Abstract:** In this article, our aim is to discuss how Palladius (4-5th centuries A.D.) rewrites the agronomical tradition of Latin Literature. As we discuss below, this firstly occurs in the sense that, in Book XV of his *Opus agriculturae*, he makes efforts to assign poetical features to the topic of arboreal grafting, similarly to what Virgil had done in *Georgics* II, 69-82. Secondly, when he attaches the same Book – mainly written with the resource of elegiac couplets – to a technical treatise in prose, Palladius reproduces procedures which were before followed by Columella (1st century A.D.), in the context of his *De re rustica*. Nevertheless, always making changes and rearrangements in accordance with his own choices, the author of *Opus agriculturae* renews the old writing tradition in which he takes part.

**Keywords:** tradition; rewriting; technical literature; Palladius; poetry.

## Introdução

Quando olhamos para os escritos sobre a vida e os trabalhos rurais na Roma Antiga, temos contato com um rico filão da literatura latina. Essa afirmação se sustenta, primeiro, porque vários foram os escritores romanos que se dedicaram a compor obras cujos temas mantêm vínculos com o universo agrário. Lembramos, nesse sentido, que o mais antigo espécime conservado da prosa literária latina é o próprio *De agri cultura*, de Catão, o Velho (séc. III-II a.C.), rude manual (PALMER, 1988, p. 123) destinado a oferecer preceitos de cultivo e criação a produtores interessados no lucro com o comércio do azeite e vinho itálicos (ANDREAU, 2010, p. 66-69).

Até certo ponto colocando-se como atualizador do legado catoniano, Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.) foi o autor de três diálogos *rerum rusticarum*, os quais publicou por volta de 37 a.C. Os temas desses respectivos diálogos são 1. a agricultura e a arboricultura; 2. a pecuária; 3. a *uillatica pastio*, ou criação de animais como peixes de tanques, caracóis e aves nas proximidades da *uilla*, a casa sede dos antigos *fundi rustici* romanos. Nesse predecessor, tem o poeta Virgílio Marão (70-19 a.C.) um importante ponto de apoio para compor suas *Geórgicas* (publicação em 29 a.C.), poema didático em quatro livros que seleciona e redistribui os temas rústicos varronianos (THOMAS, 1994, p. 11).<sup>1</sup>

Teríamos, ainda, de esperar pelo tempo do imperador Nero (reinado entre 54-68 d.C.) para divisar em um agrônomo<sup>2</sup> de Cádiz, Lúcio Júnio Moderato Columela (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 25-26), o mais significativo representante dos escritos agrários latinos. De fato, seu *De re rustica*, em alentados doze livros, realiza preceituação detalhadíssima sobre tópicos de grande importância para a lida produtiva nos campos

---

<sup>1</sup> Na verdade, o livro primeiro das *Geórgicas* aborda o cultivo de cereais e o segundo, a arboricultura, assuntos sempre contidos, em Varrão, no livro I; o assunto de *Geórgicas* III é a pecuária, assim como era o de *De re rustica* II; o de *Geórgicas* IV é, dentre todos os temas de *uillatica pastio* possíveis, apenas a apicultura.

<sup>2</sup> Ao empregarmos o termo “agrônomo” para referir os autores latinos *rerum rusticarum*, evidentemente não pretendemos proceder anacronicamente, como se seu ponto de vista e entendimento das práticas do campo pudessem ser de todo assimilado aos da moderna ciência agrônômica. Trata-se, porém, de um modo usual de referir esses escritores – ou sua tradição compositiva –, como se evidencia nos títulos de publicações desde o séc. XIX (CATON *et alii*, 1851).

de Roma, posicionando-se a respeito da viticultura e da fruticultura em geral, de vários tipos de criações de animais – daquela do gado à das abelhas –, da conduta de encarregados e escravos no *fundus* etc.

Tais não foram, evidentemente, os únicos representantes desse tipo de produção letrada em âmbito romano: lembramos, a propósito, que, às portas da Idade Média (séc. IV-V d.C.), o escritor Rutílio Tauro Emiliano Paládio, sobre quem quase nada se sabe,<sup>3</sup> produziu seu *Opus agriculturae*, com quatorze livros mais um poema prefaciado – *Carmen de insitione* – ao fim.<sup>4</sup> No conjunto, *Opus agriculturae*, o qual teve no *De re rustica* columeliano uma de suas principais fontes (FITCH, 2013, p. 13), encerra como que um ciclo compositivo iniciado por Catão, o Velho – de quem retoma o ideal de escrita “despojada” (CARTELLE, 2007, p. 798) –, por na verdade se tratar do derradeiro grande texto de toda uma tradição agrônômica latina.

Além da representatividade numérica dessas obras na literatura latina, secundamente destacamos a existência de uma complexa rede a conectá-las, de modo a ser possível apontar não só elos intertextuais entre um e outro escrito técnico referido (THOMAS, 1994 p. 11), mas ainda a retomada criativa, por agrônomos posteriores, de formas de compor associáveis aos mais antigos. No caso específico de Paládio, que pôde dispor para estruturar-se compositivamente de tantos exemplos advindos das obras dos escritores *rerum rusticarum* pregressos, semelhante remodelagem assume certa gama de possibilidades, que aqui desejamos ilustrar.

Assim, focalizando em *Opus agriculturae* sobretudo seu fecho, ou seja, o *Carmen de insitione*, construído por meio de um curto proêmio e de oitenta e cinco dísticos elegíacos, procuraremos discutir como a

<sup>3</sup> A partir da própria obra de Paládio, sabemos somente que foi dono de terras na Sardenha (IV, 10, 16 e XII, 15, 3), na Itália (IV, 10, 24 e III, 25, 1) e em outros lugares (IV, 10, 15 e VIII, 3, 2). Ainda (FITCH, 2013, p. 11), os manuscritos de *Opus agriculturae* dizem-no *uir inlustris*, título que em geral indicou, a partir da segunda metade do séc. IV d.C., apenas indivíduos bem posicionados no Senado romano.

<sup>4</sup> Segundo observa Cartelle (2007, p. 798), em começos do séc. XX foi descoberto o décimo quarto livro do tratado de Paládio, que se identifica com a parte a respeito da medicina veterinária. Semelhante descoberta ajuda a explicar os dizeres do agrônomo no *Carmen de insitione*, quando diz que Pasifilo já acolheu bem “duas vezes sete livrinhos” – *bis septem paruos... libellos* (v. 3, tradução nossa) –, embora faltos de ritmos e rudes: ou seja, o décimo quarto livro não pode ser o próprio *Carmen*. Posicionamento idêntico adota a edição de Paládio que temos por referência (PALLADIUS, 2016, p. 675 *et seq.*).

escrita técnico-poética paladiana ecoa procedimentos associáveis ora ao fazer de Virgílio, autor das *Geórgicas*, ora – sem deixar de lado esse referencial – aquele de Columela. Nesse percurso, mais do que propor sempre a consciente imitação de um ou outro predecessor por Paládio, antes queremos evidenciar que sua obra não se constrói em um vácuo de referências e procedimentos, mas antes se harmoniza com um legado cujos representantes deixam marcas em *Opus agriculturae*.

### Da prosa à poesia: efeitos e conformações

A primeira forma de reescrita da tradição dos escritos agronômicos latinos que desejamos examinar, em seu modo de ocorrência no *Carmen de insitione* paladiano, diz respeito a ter esse autor (re)trabalhado poeticamente, assim como Virgílio,<sup>5</sup> um tópico, antes, já desenvolvido em distinto(s) contexto(s) prosístico(s). Aqui referimos o processo de enxertia, através do qual segmentos de uma dada planta se extraem e, sendo corretamente aplicados em outra(s),<sup>6</sup> passam a viver como ramos na árvore hospedeira.

Trata-se de uma questão técnica repetidamente vista em muitas passagens das obras dos agrônomo de Roma, como em Varrão (*De re rustica* I, 40, 5-6; I, 41, 1-3), Columela (*De re rustica* I, 437; II, 101; III, 75, 83, 85, 369, 397) e, inclusive, no próprio Paládio (*Opus agriculturae* III, 17, 1-8; V, 2, 1-3; VII, 5, 2-4; XI, 12, 5-6 etc.), na parte de seu tratado composta em prosa antes da escrita do *Carmen de insitione*.<sup>7</sup> Se tomarmos

<sup>5</sup> Conforme ainda veremos no item 2 deste artigo, em *Geórgicas* II, 69-82 esse poeta desenvolvera *en passant* o tópico dos enxertos.

<sup>6</sup> Sabemos que eram conhecidas, em Roma, três técnicas básicas de enxerto arbóreo, sem contar a *terebratio* / “perfuração” das vinhas: sob o córtex, fendendo o tronco ou removendo os “olhos” (botões germinativos) da planta hospedeira para, aí, inserir os de outra (WHITE, 1970, p. 256-257).

<sup>7</sup> *Opus agriculturae* contém, depois de um livro com abordagem de tópicos técnicos gerais (escolha das terras, direcionamentos sobre as edificações agrárias, regras para plantio de várias espécies de plantas etc.), mais doze livros dedicados, cada qual, a descrever as tarefas rústicas ao longo de um mês específico do ano (de janeiro a dezembro). A isso se seguem um décimo quarto livro, em cobertura à medicina veterinária, e, derradeiramente, o supracitado *Carmen*. No prólogo dessa última parte do tratado, Paládio faz a dedicatória do texto a seu amigo Pasifilo e diz textualmente ter “juntado” (*adieci*) à cópia da obra, que enfim lhe envia depois de atrasos, “estes versos sobre os enxertos” [*hoc opus (...) de arte insitionis*]. Então, subentende-se pelo testemunho do autor que tais versos seriam um adendo, algo posterior à escrita de toda a obra restante (ou de sua maior parte).

como mínimo exemplo de abordagem do assunto em *Opus agriculturae*, além do trecho identificado com *Carmen de insitione* 137-148 (no qual os enxertos envolvendo a sorveira e a cerejeira são descritos), ainda XI, 12, 5-6, obteremos dados de interesse analítico por cotejo:

Mais bem se enxerta no mês de novembro ou, se for preciso, no fim de janeiro. Outros também disseram que deve ser enxertada em outubro. *Marcial* manda enxertar no tronco; para mim, sempre dá bom resultado entre o córtex e a madeira. Os que enxertam no tronco, como diz *Marcial*, deverão remover toda a lanugem que há em volta; ele refere que prejudica os enxertos, se ficar. (6) Isto deve ser cuidado nas cerejeiras e em todas as árvores gomosas: que se enxertem quando não têm goma ou ela parou de escorrer. A cerejeira é enxertada sobre si, na ameixeira, no plátano e, como outras, no choupo. *Ama covas fundas, ter mais espaço, cavações frequentes. Haverá que podar nela partes podres e secas e os membros que der muito juntos, para desafogar. Não ama o esterco e, assim, se estraga.*<sup>8</sup>

As sorveiras embelezam sua produção pelo mérito de cepa melhorada e brilham curvas, com belo fardo. Tal árvore *despiu* os duros membros do espinheiro das pontas, *encobriu* as armas com suave cortiça, 140 alegre-se em misturar áureos marmelos a seu fruto enxertado e ama os dons de cor distinta. *Enxerta-se a cerejeira no loureiro e, impondo-se o fruto, adotado pudor pinta a face virginal.* *Faz* plátanos frondosos e a ameixeira de vicioso caule 145 colorirem os membros com seus gomos e *matiza* as ramagens do choupo com um novo dom, assim cobrindo suave rubor os alvos braços.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Paládio, *Opus agriculturae* XI, 12, 5-6: *Inseritur mense Nouembri melius uel, si necesse sit, extremo Ianuario. Alii et Octobri inserendam esse dixerunt. Martialis in trunco inseri iubet; mihi inter corticem et lignum feliciter semper euenit. Qui in trunco inserunt, sicut Martialis dicit, omnem lanuginem, quae circa est, auferre debent; quam, si remanserit, insitis nocere manifestat. (6) In cerasis hoc seruandum et in omnibus gumminatis, ut tunc inserantur, quando his uel non est uel desinit gummen effluere. Cerasus inseritur in se, in pruno, in platano, ut alii, in populo. Amat scrobes altas, spatia largiora, adsiduas fossiones. Putari in ea putria et sicca debent uel, quae densius artata protulerit, ut rareseat. Fimum non amat atque inde degenerat* (tradução e grifos nossos).

<sup>9</sup> Paládio, *Carmen de insitione* 137-148: *Sorba suos partus merito maioris honestant / seminis et pulchro curua labore nitent. / Haec arbor spiniae duos mucronibus artus*

Divisamos, acima, claros elementos que apontam para a diferenciação da escrita poética – embora de assunto técnico – quando contrastada com a prosa de Paládio. Do ponto de vista informativo, assim, o excerto não metrificado destaca-se pelo cuidado com oferecer coordenadas de mais de um tipo, referentemente aos enxertos que têm nas cerejeiras o seu foco. Note-se, a propósito, a preocupação de Paládio, em XI, 12, 5, com explicitar os meses mais adequados para a realização dessa tarefa de cultivo: há aqui um detalhe condizente, por sinal, com a forma deste tratado, cuja *dispositio* técnica obedece a um inovador plano de “calendário” (CARTELLE, 2007, p. 798).

Depois de dizer, na sequência, que uma de suas fontes, o agrônomo Gargílio Marcial (séc. III d.C.),<sup>10</sup> tem preferência pela enxertia da cerejeira no tronco, o autor dá a própria (e divergente) opinião e continua a refinar seu gesto instrutivo com minúcias; veja-se a recomendação, ainda com recorrência à autoridade de Marcial, sobre a necessidade de remover toda a “lanugem” da zona do tronco que receberá o enxerto. Por sua vez, caso esse tronco pertença a uma árvore “gomosa”, também há escrúpulos de evitar justapor o tempo de aparecimento da substância e quaisquer operações de enxerto. Enfim, para as invariáveis cerejeiras, são discriminadas as combinações possíveis com outras plantas, bem como juntados tópicos de cultivo em XI, 12, 6; esses, ainda que sem nexu estrito com a enxertia, sempre contribuem para o bem-estar dos espécimes.

O trecho aproximadamente “correlato” do *Carmen de insitione* – pois, entre v. 143-148, iniciam-se comentários sobre a supracitada espécie do excerto em prosa – permite ver curioso efeito, também extensivo ao ponto prévio das sorveiras (v. 137-142). Neste caso, as plantas assumem o protagonismo dos processos descritos, deixando de ser meros objetos para “agir”:

---

*/ exuít ac libris mitibus arma tegit / aureaque adnexo miscere cydonea fetu / gaudet et externi dona coloris amat. / Inseritur lauro cerasus partuque coacto / tinguít adoptiuus uirginis ora pudor. / Vmbrantes platanos et iniquam robore prunum / conpellit gemmis pingere membra suis / populeasque nouo distinguit munere frondes, / sic blandus spargit brachia cana rubor* (tradução e grifos nossos).

<sup>10</sup> Conforme se descreve no verbete correspondente do *Oxford Classical Dictionary* (HORNBLLOWER; SPAWFORTH, 2012, p. 603), esse especialista seria o autor de certo tratado dito *De hortis*, além de outros escritos sobre os remédios advindos das frutas e de um *Curae boum*. Reduzido, hoje, a um estado fragmentário pelos excertos que nos restam, Marcial dialoga criticamente com os agrônomos do passado e desenvolve a discussão sobre a arboricultura para pontos, até sua época, inovadores; aborda com atenção, assim, os pessegueiros, cultura negligenciada até no *De re rustica* columeliano.

Tal árvore [a sorveira] *despiu* os duros *membros* do espinheiro  
das pontas, *encobriu* as armas com suave cortiça, 140

Faz plátanos frondosos e a ameixeira de vicioso caule 145  
colorirem os membros com seus gomos  
e matiza as ramagens do choupo com um novo dom,

O que encontramos nos fragmentos acima, então, apresenta uma sorveira em atitude “pacifista” de “despir” o espinheiro de pontas, ou até de ocultar tais “armas” com sua cortiça; assim a planta ganha, mais do que vagos contornos antropomorfizados, algo semelhante a uma específica “personalidade”. O mesmo se verifica para a cerejeira, disposta a fazer prevalecer a vividez de seus frutos onde falte a cor ou haja odioso traço moral (*iniquam robore prunum* – “ameixeira de *vicioso* caule”, v. 145).

Sobre v. 143-144, comentários de Fitch (PALLADIUS, 2013, p. 267) apontam um efeito de natureza mítica:<sup>11</sup> na verdade, a planta a receber de maneira “forçada” os coloridos frutos da cerejeira é, nesse dístico, o loureiro. Miticamente, a origem da espécie se explicava como resultado da metamorfose da ninfa Dafne, depois de perseguida a contragosto por Apolo, que desejava possuí-la (OVIDIO, *Metamorfoses* I, p. 525 *et seq.*). Dessa forma, é bastante sugestiva na passagem a menção a um rubor – dos frutos da cerejeira, mas com outras ressonâncias de sentido – advindo do gesto *forçado* de terceiros e manifestando, numa árvore associável à castidade,<sup>12</sup> como que o desconforto por ostentar “filhos”.

<sup>11</sup> Em v. 61 e v. 149 do *Carmen de insitione*, emprega-se, ainda, a denominação *Phyllis* para designar a amendoeira. Conforme observa Vansan (2016, p. 28), “Fílis enamorou-se de Demofonte, filho de Teseu e Fedra, quando o herói aportou em Dáulis, cidade onde o pai da moça, Licurgo, reinava. Após alguns meses de união, Demofonte foi obrigado a voltar a Atenas pelos negócios de seu reino, prometendo a Fílis que logo voltaria. Porém, ao passar o prazo estabelecido para sua chegada, a jovem apaixonada é tomada por desespero e, sentindo-se abandonada, comete suicídio. Os deuses, apiedados de Fílis, transformaram-na em amendoeira”. Essa personagem é protagonista de uma das *Epistulae Heroidum* de Ovídio, em que, justamente, escreve ao amado Demofonte.

<sup>12</sup> Ovídio, *Metamorfoses* I, 481-487: *Saepe pater dixit “generum mihi, filia, debes”, / saepe pater dixit “debes mihi, nata, nepotes”: / illa, uelut crimen taedas exosa iugales, / pulchra uerecundo suffuderat ora rubore, / inque patris blandis haerens ceruice lacertis / “da mihi perpetua, genitor carissime”, dixit “uirginitate frui: dedit hoc pater ante Dianae”*. – “O pai lhe diz muitas vezes: ‘um genro tu me deves, ó filha minha’. O pai lhe diz muitas vezes: ‘tu me deves netos, menina’. Ela, odiando as tochas conjugais como uma desonra, derramara no belo rosto um *envergonhado rubor*, ao pescoço do pai prendendo-se com carinhosos abraços. – ‘Dá-me fruir de uma *virgindade perpétua*, ó pai caríssimo’ – disse ela. Dera-lhe isso, antes, o pai de Diana” (tradução de Cláudio Aquati, grifos nossos).

Quanto ao pormenor de as plantas acima descritas por Paládio apresentarem “membros”, (*artus / membra*, v. 139 e v. 146), não se trata de um uso exclusivamente associável à poesia, nos escritos agrários latinos:

Ainda assim, não devemos esquecer que o tratamento antropomórfico das árvores não era exclusivo de Virgílio. Gowers complementa uma série diversa de exemplos reunidos por Robin Nisbet com dois retratos anatômicos detalhados, advindos de autores agrícolas: Columela sugere que as árvores têm equivalentes a *pedes, truncus, brachia* e *palmae*, e são *vestitae* com frutas e folhagens, e Plínio que as árvores têm *cutis, sanguis, caro, nervi, venae, ossa* e *medullae*. Uma vez que a visão antropomórfica das árvores era difundida na Antiguidade (e depois) e o vocabulário latino pequeno, seria difícil para um poeta romano discutir árvores em qualquer extensão sem usar termos anatômicos como *truncus, brachia* e *coma*. (LOWE, 2010, p. 472, tradução nossa).<sup>13</sup>

O crítico anglófono continua apontando a alta frequência de tais usos figurados da linguagem – o que chamaríamos de “catacrese” (PERNOT, 2000, p. 297) – mesmo em um idioma moderno como o seu, em que os vegetais comumente “suam” ou “choram” a seiva (LOWE, 2010, p. 472). Ainda no contexto antigo, porém, a observação do trecho em prosa como transcrito de *Opus agriculturae* mostrou que as árvores não só são *artata* / “providas de membros”, mas também têm *lanuginem* / “lanugem”, revelando-nos alguma inclusão por Paládio inclusive de traços animais na morfologia botânica.<sup>14</sup> Além disso, do ponto de vista dos traços não físicos, a cerejeira da passagem prosística *finum non*

<sup>13</sup> Lowe, 2010, p. 472: “Still, we should not forget that the anthropomorphic treatment of trees was not unique to Virgil. Gowers supplements a diverse series of examples gathered by Robin Nisbet with two detailed anatomical portraits from agricultural authors: Columella suggests that trees have equivalents of *pedes, truncus, brachia*, and *palmae*, and are *vestitae* in fruit and foliage, and Pliny that trees have *cutis, sanguis, caro, nervi, venae, ossa*, and *medullae*. Since the anthropomorphic view of trees was widespread in Antiquity (and beyond) and the Latin vocabulary small, it would be difficult for a Roman poet to discuss trees at any length without using anatomical terms such as *truncus, brachia*, and *coma*” (tradução nossa).

<sup>14</sup> Há antecedentes de tal inclusão em Virgílio (1998), *Geórgicas* II, 118-121: *Quid tibi odorato referam sudantia ligno / balsamaque et bacas semper frondentis acanthi? / Quid nemora Aethiopum molli canentia lana, / uelleraque ut foliis depectant tenuia Seres?* – “Por que falar-te dos bálsamos que suam da madeira / perfumada e das bagas de acanto, sempre frondoso? / Por que dos bosques dos etíopes, a branquejarem com lâ macia, / e dos velos que os chineses penteiam das folhas?” (tradução e grifos nossos).



*amat* / “não ama o esterco” e a sorveira de v. 141-142 *aureaque adnexo miscere cydonea fetu gaudet* / “alegra-se em misturar áureos marmelos a seu fruto enxertado”, nas duas ocorrências havendo atribuição de sentimentos negativos ou positivos a simples vegetais.

Mas nem tudo são pontos em comum entre a abordagem em prosa e em verso da enxertia por Paládio: além dos aspectos de diferenciação que já explicitamos, ou seja, comparativamente, a maior variedade e detalhamento das coordenadas técnicas oferecidas em *Opus agriculturae* XI, 12, 5-6, a explícita preocupação do efetivo agrônomo de embasar seu discurso na autoridade de outro importante teórico *rerum rusticarum* (Gargílio Marcial) etc., veja-se que o trecho atinente a *Carmen de insitione* 137-148 não permite às informações oferecidas sobre os enxertos irem muito além da referência aos tipos de combinação propostos entre espécies arbóreas. Em contrapartida, dissemos, colorações de protagonismo, desenvolvimento “psicológico” elementar e míticas imbuem de poeticidade as plantas inseridas nessa passagem escrita em dísticos elegíacos.

Em conhecido estudo, Richard F. Thomas (1987, p. 230 *et seq.*) demonstrou que Virgílio, adaptando nas *Geórgicas* os temas de obras anteriores – como os diálogos *rerum rusticarum* de Varrão e a *Historia Plantarum* do grego Teofrasto (séc. IV-III a.C.) – teve de dar curso a alguns procedimentos ajustados ao fazer seu poema um produto literário de valor, o qual ultrapassasse o mero gosto helenístico por metrificar textos prosísticos. Além 1. do rearranjo e disposição cuidados das informações técnicas hauridas em suas fontes (THOMAS, 1987, p. 232), 2. o autor das *Geórgicas* suprimiu dados banais ou “desagradáveis” em demasia (THOMAS, 1987, p. 236), 3. selecionou e expandiu dali alguns pontos passíveis de maior desenvolvimento poético (THOMAS, 1987, p. 241), 4. “falseou” outros (para, às vezes, sinalizar ao público não ser mero tratadista de agricultura?) (THOMAS, 1987, p. 245)<sup>15</sup> e 5. inseriu histórias míticas em meio ao material instrutivo que apresenta:

<sup>15</sup> Thomas, 1987, p. 245: “The remaining four involve cornel and plum (Cornaceae and Rosaceae), walnut and arbutus (Juglandaceae and Ericaceae), plane and apple (Platanaceae and Rosaceae), and pear and elm (Rosaceae and Ulmaceae) – in other words, these unions are simply impossible. Nor can there be any doubt that Virgil was aware of the fact, for not only did he have Varro’s precepts [...]”. – “Os quatro restantes envolvem corniso e ameixeira (Cornaceae e Rosaceae), nogueira e medronho (Juglandaceae e Ericaceae), plátano e macieira (Platanaceae e Rosaceae) e pereira e olmo (Rosaceae e Ulmaceae) – em outras palavras, esses enxertos são simplesmente impossíveis. Nem pode haver dúvida de que Virgílio estava ciente do fato, pois não só ele tinha os preceitos de Varrão [...]” (tradução nossa).

A história de Hero e Leandro serve para mostrar que, para o homem, como para os animais, tais precauções falham diante do poder da paixão. [...] Se, por outro lado, essas passagens são vistas como algo imbuído de uma função mais profunda, então os mitos se revelam pelo que são, como reapresentações em um nível diferente das preocupações verdadeiras e centrais das partes técnicas do poema. No caso do terceiro livro, eles servem para reforçar a sugestão de que o mundo dos animais é também o mundo do homem, e que as aflições sofridas por esses animais também serão compartilhadas pelo homem. (THOMAS, 1987, p. 251, tradução nossa)<sup>16</sup>

Pelo que comentamos até este ponto a respeito da reescrita, por Paládio, da técnica de enxertia em *Carmen de insitione*, após a abordagem prévia do assunto em seu tratado prosístico, podemos afirmar que o excerto comentado se afina com muitos desses procedimentos seguidos nas *Geórgicas* de Virgílio, quando ele adaptou à poesia os temas de suas fontes técnicas. Sobretudo, a supracitada seção referente às sorveiras contém (v. 137-142), como aquela das cerejeiras (v. 143-148), o total de três dísticos elegíacos (embora haja, na prática, irregularidade na quantia de versos quando comparamos outras porções do poema). Ainda, certos detalhes mais “rasteiros” da lida com as plantas – como seu “amor” ou não pelo esterco etc. – estão de todo ausentes não só no trecho transcrito do *Carmen*, mas de sua extensão completa.

Também poderíamos considerar como “seleção”, nos termos de Thomas (1987, p. 238), o fato de Paládio ter obviamente privilegiado, abordando os enxertos no poema em pauta, o aspecto de dizer quais combinações entre plantas pretende referir,<sup>17</sup> não a data adequada para esse processo, nem as medidas envolvidas no corte de segmentos germinativos etc. Por fim, recorrendo sutilmente ao mito da metamorfose de Dafne em *Carmen de insitione* 143-144, o agrônomo, assim como

<sup>16</sup> Thomas, 1987, p. 251: “The story of Hero and Leander serves to show that for man as for animals such precautions fail before the power of passion. [...] If on the other hand, those passages are seen as having a deeper function, then the myths are revealed for what they are, as restatements on a different level of the real and central concerns of the technical parts of the poem. In the case of the third book they serve to reinforce the suggestion that the world of animals is also the world of man, and that the afflictions suffered by those animals will also be shared by man” (tradução nossa).

<sup>17</sup> Vejam-se de *Carmen de insitione*, v. 19-20: *Quae quibus hospitium praestent uirgulta, docebo, / quae sit adoptiuis arbor onusta comis.* – “Quais ramagens dão acolhida a quais eu ensinarei / e qual árvore se recobre com folhagens adotadas” (tradução nossa).

Virgílio, não fez gratuita interpolação, mas antes estabeleceu ponte entre outro *regnum*, o botânico, e certa experiência humana.

Nesse sentido, no “Poema dos enxertos”, Paládio reescreve não apenas a si mesmo – autor multifacetado que é –, mas, levando em conta que Virgílio já se servira de modos compositivos e de uma relação com a prosa técnica depois encontráveis no “epígono”, de certa forma reescreve as *Geórgicas*. No último caso, ele parece reatualizar um tópico técnico virgiliano de que tinha saber e desenvolvê-lo à sua maneira,<sup>18</sup> entretanto mantendo-se ajustado com algumas linhas expressivas que poderíamos remontar a processos poéticos em pleno uso nas *Geórgicas*.

### **Adaptação da forma e conteúdo do livro X de Columela ao contexto de *Opus agriculturae***

Um outro meio, segundo o qual Paládio, ao compor seu *Carmen de insitione*, pôde dar vazão parcial à própria inventividade como escritor *rerum rusticarum*, diz respeito a ter ele aproximadamente seguido os passos de Columela, autor do poema *De cultu hortorum*. Na verdade, essa produção columeliana não deve ser compreendida – assim como se dá na relação entre o *Carmen de insitione* e o todo de *Opus agriculturae* – à maneira de um texto composto à parte, sendo antes integrante do *De re rustica* do autor, constituindo seu décimo livro.

Evocando um pouco dos conteúdos dos sucessivos livros desse tratado, sabemos que, entre aquele de número VI e o de número IX, o agrônomo gaditano escolheu desenvolver tópicos não ligados à estrita agricultura, mas antes à pecuária de grande (livro VI) e pequeno (livro VII) porte, à criação de aves granjeiras, peixes (livro VIII) e abelhas (livro IX). Ora, sendo o tema do *De cultu hortorum* o plantio de flores, ervas ou hortaliças, cultivos comuns aos jardins e hortas pela compreensão moderna, esse livro X do *De re rustica* de Columela não deixa de ser mais ou menos afim ao assunto daquele imediatamente precedente. Na verdade, as abelhas *necessitam* dispor de bom suprimento de néctar para a fabricação de mel

<sup>18</sup> Paládio, *Opus agriculturae* III, 25, 7: *Mense Februario et Martio pirus inseritur more, quo dictum est, cum de insitione loqueremur, sub cortice et in trunco. Inseritur autem piro agresti, melo, ut nonnulli, amygdalo et spino, ut Vergilius, orno et fraxo et cydoneo, ut aliqui, et Punico sed fisso ligno.* – “Nos meses de fevereiro e março, a pereira é enxertada como se disse ao falar da enxertia, sob o córtex e no tronco. Mas se enxerta com pereira silvestre e macieira, conforme alguns; com amendoeira e espinheiro, conforme Virgílio; com freixo florido; com freixo e marmeleiro, conforme outros; e com romãzeira, mas no tronco rachado” (tradução e grifos nossos).

de qualidade, ocorrendo que o apicultor pode auxiliá-las a consegui-lo se plantar, ao alcance das colmeias, flores ou ervas odoríferas.<sup>19</sup>

Isso já justificaria, do ponto de vista prático, o retorno de Columela a temas vegetais em sua obra, após os livros zoológicos que acabamos de citar. No entanto, importante motivo de ordem literária também deu impulso a este seu desvio de rota:

Columela, no Prefácio de seu Décimo Livro, descreve o tópico da horticultura como ‘muito rarefeito e falto de substância’, mas responde ao convite de seu patrono para reparar uma omissão nas *Geórgicas* de Virgílio, escrevendo com exotismo 400 linhas de versos toleravelmente bons, não inspirados, sobre esse assunto. O resultado é uma obra diferente das *Geórgicas* em pelo menos dois aspectos; embora carente de inspiração, mostra, contudo, um relato ordenado em que todos os requisitos essenciais ocorrem. (WHITE, 1970, p. 246)<sup>20</sup>

De fato, depois de tangenciar a horticultura em *Geórgicas* IV, 125-148 – ou seja, no excurso do “Velho corício”, que cultivava junto a Tarento um jardim exíguo, mas suficientemente próspero para igualar sua vida “à de um rei” (v. 132) –, Virgílio logo retorna ao cerne da apicultura, alegando não ter espaço para a abordagem de pontos menos inseridos no foco do livro derradeiro desse seu poema.<sup>21</sup> Então, deixa a outros a retomada e cumprimento da tarefa de desenvolver, no futuro, tais temas vegetais, o que se deu justamente pelas mãos de Columela, como refere esse escritor:

<sup>19</sup> Columela, *De re rustica* IX, IV, 4: *At in hortensi lira consita nitent candida lilia, nec his sordidiora leucoia, tum Punicae rosae luteolaeque et Sarranae uiolae, nec minus caelestis luminis hyacinthus; Corycius item Siculusque bulbus croci deponitur, qui coloret inodoretque mella.* – “Mas, em um horto, lírios brancos semeados entre os sulcos têm destaque, não lhes sendo inferiores na cor os cravos, bem como as rosas rubras e amarelas, as violetas purpúreas e o jacinto azul-celeste; também se planta o bulbo do açafraão corício e o siciliano, para colorir e perfumar os méis” (tradução nossa).

<sup>20</sup> White, 1970, p. 246: “Columella, in the Preface to his Tenth Book, describes the material of horticulture as ‘very meagre and devoid of substance’, but responds to his patron’s invitation to repair an omission in Virgil’s *Georgics* by writing 400-odd lines of tolerably good, if uninspired, verses on the topic. The result is a work unlike the *Georgics* in at least two respects; while lacking in inspiration it nevertheless presents an orderly account in which all the essential requirements are set out” (tradução nossa).

<sup>21</sup> Virgílio, *Geórgicas* IV, 147-148: *Verum haec ipse equidem spatii exclusus iniquis / praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.* – “Na verdade, muito limitado pela exiguidade, eu próprio tais coisas / omito e deixo a outros, para serem lembradas depois de mim” (tradução e grifos nossos).

Por isso, sobre a cultura das hortas, cujos frutos agora têm maior procura, devemos instruir mais diligentemente do que a nós legaram os ancestrais; e isso, como eu decidira, haveria de ligar-se em prosa às partes prévias de meu livro, se não tivesse vencido minha intenção teu pedido frequente, que me instruiu ao preenchimento, em versos, das partes omitidas das *Geórgicas*, as quais o mesmo Virgílio indicara deixar aos pósteros, para serem lembradas. E, na verdade, não o ousáramos exceto para atender à vontade do vate venerabilíssimo; [...]. (COLUMELLA, 1968, proêmio, 1) <sup>22</sup>

O excerto se encaixa em um proêmio dotado dos traços típicos de tal parcela inicial das obras antigas (ROBY, 2015, p. 6): referimo-nos à dedicatória, à *propositio* do tema técnico<sup>23</sup> e a uma autoapresentação positiva (REBOUL, 2004, p. 55). A dedicatória, a saber, faz-se em nome de Públio Silvino, costumeiro dedicatário do *De re rustica* desde o livro I: aqui, especificamente, ela assume contornos metafóricos de uma espécie de transação financeira, rogando o autor a esse afeto “receber o pagamentozinho restante de sua usura”,<sup>24</sup> sendo que, nos livros anteriores, ele já “quitara o débito, excetuada essa porção”.<sup>25</sup>

No tocante ao *ethos* autoral, esse se constrói, dissemos, de maneira propícia a Columela na medida em que a dificuldade de abordar um tópico técnico “rarefeito e falto de substância” – sendo seus ramos, embora *multa* / “abundantes”, *tam exigua* / “tão triviais” – não o fez desistir do cumprimento de vontades duplamente alheias, ou seja, as de Virgílio e as de Silvino. Com isso ele se mostra, além de solícito, corajoso, o que não é desmentido quando continua a explicar-se e chega a manifestar

<sup>22</sup> Columela, *De re rustica* X (proêmio, 3): *Quare cultus hortorum, quorum iam fructus magis in usu est, diligentius nobis, quam tradidere maiores, praecipendus est, isque, sicut institueram, prosa oratione prioribus subnecteretur exordiis, nisi propositum meum expugnasset frequens postulatio tua, quae praecepit, ut poeticis numeris explerem georgici carminis omissas partes, quas tamen et ipse Vergilius significauerat, posteris se memorandas relinquere. Neque enim aliter istud nobis fuerat audendum quam ex uoluntate uatis maxime uenerandi; [...]* (tradução nossa).

<sup>23</sup> Columela, *De re rustica* X (1968, proêmio, 1): *Superest ergo cultus hortorum segnis ac neglectus quondam ueteribus agricolis, nunc uel celeberrimus.* – “Resta, portanto, o cultivo das hortas, outrora ocioso e negligenciado pelos antigos agricultores, agora muitíssimo popular” (tradução nossa).

<sup>24</sup> Columela, *De re rustica* X (1968, proêmio, 1): *Faenoris tui [...] reliquam pensiunculam percipe* (tradução e grifos nossos).

<sup>25</sup> Columela, *De re rustica* X (1968, proêmio, 1):... *hac minus parte debitum [...] reddideram* (tradução e grifos nossos).

alguma esperança de que o livro X não haverá de trazer desonra a seu trabalho progressivo de escritor.<sup>26</sup>

Um olhar para o proêmio contido no *Carmen de insitione* demonstra-nos reemprego de ideias já encontradas naquele do livro X de Columela: dessa maneira, além da dedicatória do poema ao obscuro Pasifilo, o qual se diz *uirum doctissimum* / “varão muito douto”, Paládio realiza concisamente a proposição e torna a valer-se de metáforas monetárias para falar da oferta do texto ao amigo:

Tens aqui outro testemunho da confiança que lhe concedi: para pagar os juros do tempo decorrido, juntei estes versos sobre os enxertos. (PALLADIUS, 2013, proêmio, 1).<sup>27</sup>

[3] Será algo grande e digno da ambição, que tua índole aplicada persegue. E, mesmo pensando tu favoravelmente sobre minhas nugas, não titubeio em fazer avaliação de meus recursos. Não é de alguém em alto posto passar os olhos pelo pó à cata de vinténs, pois – não sei como – certos ganhos menores envergonham as mais distintas pessoas. (PALLADIUS, 2013, proêmio, 3)<sup>28</sup>

Segundo se explica no mesmo proêmio, logo em seguida ao primeiro trecho que transcrevemos acima, a indolência de um escravocopista retardou a finalização do exemplar de *Opus agriculturae* devido a Pasifilo; então, como forma de remediar seu constrangimento, Paládio juntou os juros / versos desse *Carmen* ao restante do livro. No segundo trecho, mesmo cogitando a boa disposição do dedicatário ao ter contato com suas “ninharias” – o que abarcaria a iniciativa de escrever o “Poema dos enxertos”, no contexto –, o autor não se furta ao exame do significado deste seu feito e, assim, encaminha-se ele mesmo para avaliar positivamente o que compôs.

Nesse sentido, se ir à cata de certos ganhos menores traz constrangimento aos homens ilustres e o distinto Pasifilo não hesitaria

<sup>26</sup> Columela, *De re rustica* X (1968, proêmio, 5): *Quare quicquid est istud, quod elucubrauimus, adeo propriam sibi laudem non uindicat, ut boni consulat, si non sit dedecori prius editis a me scriptorum monumentis.* – “Com efeito, seja o que for semelhante fruto de nossa vigília, não se reivindica o louvor próprio a tal ponto, felicitando-se caso não desdoure meus escritos anteriormente publicados” (tradução nossa).

<sup>27</sup> Paládio, *Opus agriculturae* XV (proêmio, 1): *Habes aliud indultae fiduciae testimonium: pro usura temporis hoc opus de arte insitionis adieci* (tradução e grifos nossos).

<sup>28</sup> Paládio, *Opus agriculturae* XV (proêmio, 3): *Grande erit et par desiderio suo, quod studii tui quaeret adfectio. Et licet de hic nugis fauorabiliter sentias, ego meas opes existimare non differo. Non est magni loci assibus intuendis oculos duxisse per puluerem, quia nescio quomodo notae sunt quaedam maximarum personarum minuta compendia* (tradução e grifos nossos).

em dar atenção ao *Carmen*, subentende-se que o motivo esteja em tal parte do *Opus agriculturae* não ser algo de tão irrisório valor. Em outras palavras, os juros / ganhos que, metaforicamente, o dedicatário perseguiria ao atentar para o “Poema dos enxertos” devem, sim, ter certo crédito também na opinião de Paládio, apesar da modéstia afetada primeiro, incluindo entre “nugas” seu gesto de compor os versos em pauta, para o oferecimento como paga ao amigo.<sup>29</sup>

Diante disso e das demais estratégias comunicativas referidas sobre o proêmio de *Carmen de insitione*, entendemos que o autor constrói, nessa parte do livro XV de seu tratado agrícola e junto a um *ethos* de solicitude para com suas obrigações de amizade, traços de um homem cauteloso. Ele, inclusive, afirma entre o primeiro e o segundo parágrafos do proêmio que evita afrontas ao copista, com receio do agravamento da lentidão de seu trabalho se o fizesse, imaginamos (PALLADIUS, 2013, proêmio, 1-2).<sup>30</sup> Semelhante cautela continuaria na parte posterior do proêmio, segundo nossa interpretação, pois o autoelogio do terceiro parágrafo, já ao fim desse prelúdio ao *Carmen de insitione*, se encontra

<sup>29</sup> O aspecto da valoração das próprias obras surge com alguma frequência, e de modos variados, como tema literário: no poema 1 de Caio Valério Catulo (séc. I a.C.), ele chama ironicamente de *nugas* (“nugas”, v. 4) uma produção poética, na verdade, incomum em Roma e muito sofisticada (CATULO, 1996, p. 66). No último poema do terceiro livro das *Odes*, Horácio Flaco (séc. I a.C.), com maior explicitude, afirma ter construído algo “mais perene / e mais alto que o sítio real das pirâmides” (*perennius / regalique situ pyramidum altius*) etc. (HORACE, 1882, p. 66, v. 1-2, tradução nossa). A interpretação que propomos para esse gesto no proêmio do *Carmen de insitione*, a saber, aproxima-se mais da fala indireta de Catulo do que da patente autovalorização horaciana.

<sup>30</sup> Paládio, *Opus agriculturae* XV (proêmio, 1-2): *Sed quod uolumina haec ruris colendi serius, quam iusseras, scripta sunt, librarii manus segnior effecit, cuius ego tarditatem numquam maligne aestimo. Scio enim, quo frequenter inclinēt argutia famulorum. Malo operam eius expectare potius quam timere. [2] Nescio, utrum commune sit dominis; mihi difficile contingit in seruilibus ingeniis inuenire temperiem. Ita saepissime natura haec uitiat commodum, si quod est, et miscet optanda contrariis. Velocitas procurrit in facinus; segnitias figuram benignitatis imitatur et tantum recedit ab agilitate, quantum recessit a scelere. Diu tamen apud te pudorem meum distuli, sed hoc quasi bonus famulus fecit.* – “Mas, terem esses volumes sobre o cultivo do campo sido transcritos mais tarde do que demandaras foi advindo da mão indolente do copista, com cuja lentidão nunca crio problemas. Com efeito, sei como, amiúde, se dão os ardis de nossos escravos. Prefiro esperar o trabalho dele a ter receios. [2] Não sei se é comum entre os senhores: para mim, é difícil encontrar equilíbrio na índole dos escravos. Assim, com muita frequência a natureza servil estraga o que convém, caso exista, e mistura o desejável ao avesso. A prontidão logo se lança ao crime; a indolência faz figura de ser amável e tanto se afasta da agilidade quanto se afastou do crime. Muito, no entanto, adiei falar-te de meu embaraço; mas ele o fez como um bom servidor” (tradução e grifos nossos).

encoberto e como que desmentido, para os desavisados, pela fala falsamente depreciativa, citada há pouco.

De todo modo, dizíamos, além do recurso retórico ao *ethos* e dos demais pontos geralmente associáveis aos traços proemiais, Paládio parece recuperar do antecessor a específica monetização figurada da escritura (poética), contudo sem ser em tudo idêntico a ele. *Mutatis mutandis*, o contato com o início efetivo do *Carmen* continua a revelar que divisamos, nessa parte do *Opus agriculturae*, oscilações entre uma reescrita que retoma e outra que ressignifica o *De cultu hortorum* columeliano.

Com fins de sumária exemplificação, lembremos que tal porção de verdadeiro tratamento técnico em *Carmen de insitione*, a qual se estende do primeiro ao octogésimo quinto dístico, tem como tema básico os tipos de combinação propostos para as espécies arbóreas;<sup>31</sup> ela, ainda, obviamente é introduzida por uma parte proemial em prosa, com os contornos que acabamos de perpassar. Ora, muitos deles correspondiam às características aproximadas do *De cultu hortorum* columeliano, com a diferença de que o conteúdo central desse poema era bem mais vasto e focado não nas árvores, mas sim nas plantas hortenses:

O solo da horta deve ser friável e permeável (6 *et seq.*); deve estar situado perto de um riacho, pois este tipo de jardinagem é um processo contínuo e a irrigação é essencial “para matar a sede incessante do jardim” (23 *et seq.*). Além disso, deve ser delimitado por um muro ou cerca viva espessa, para impedir a entrada de gado e ladrões (27 *et seq.*). Em seguida, seguem excelentes conselhos sobre cavação (46 *et seq.*), adubação (76 *et seq.*) e a disposição dos vários canteiros (91 *et seq.*). O corpo principal do texto contém nomes de sessenta plantas, das quais nada menos que vinte são ervas. O orgulho vai para o repolho, que é introduzido com floreio heroico-burlesco (126 *et seq.*), e para a alface, cujas cinco variedades principais levam o poeta a uma explosão de fervor lírico (179 *et*

<sup>31</sup> Em v. 1-44 do *Carmen de insitione*, Paládio reforça a dedicatória do “Poema” a Pasifilo, reafirma a importância prática do assunto da enxertia, valoriza a engenhosidade humana na criação dessa técnica e discrimina seus tipos. Entre v. 45-50, as vinhas protagonizam os enxertos comentados por Paládio; entre v. 51-54, as oliveiras; entre v. 55-72, as pereiras; entre v. 73-76, as romãzeiras; entre v. 77-94, as macieiras; entre v. 95-98, os pessegueiros; entre v. 99-104, os marmeleiros; entre v. 105-108, as nespereiras; entre v. 109-112, os limoeiros; entre v. 113-118, as ameixeiras; entre v. 119-126, as figueiras; entre v. 127-136, as amoreiras; entre v. 137-142, as sorveiras; entre v. 143-148, as cerejeiras; entre v. 149-156, a amendoeira; entre v. 157-160, os pistaches; entre v. 161-162, as castanheiras; entre v. 163-164, as nogueiras. Por último, entre v. 165-170, renuncia a enumerar mais tipos de enxertos, contudo dizendo que o que fez já basta para constituir a obra de um modesto poeta.



seq.). As ervas para dar sabor e tempero aparecem com destaque nos calendários, junto com os vegetais e frutas que sempre ocuparam lugar importante na dieta italiana. (WHITE, 1970, p. 246)<sup>32</sup>

Por outro lado, na disposição dos conteúdos em *Opus agriculturae*, se Paládio já escrevera sobre os enxertos arbóreos *antes* do livro XV,<sup>33</sup> Columela reescreve sobre as hortas *depois* – no livro XI (SANTOS, 2014, p. 35) –, talvez movido pela necessidade de refinar, prosisticamente, detalhes que a delicada estrutura de seu poema didático acolheria com mais dificuldade. Ainda, Paládio desafia os parâmetros compositivos columelianos na medida em que os dísticos elegíacos, incomuns na poesia didática – com exceção da *erotodidáxis* de Ovídio (*Ars amatoria*, *Remedia amoris e Medicamina faciei femineae*) –, dotam o *Carmen de insitione* de efeitos associáveis a formas menores da poesia antiga, como a elegia e os epigramas.<sup>34</sup> Assim, muitas vezes cada dístico constitui, nesse poema e naquela produção (PREMINGER; HARDISON; WARNKE, 1987, p. 61), unidade sintático-semântico “autônoma”, sem haver a necessidade do desdobramento de frases e/ou ideias por muitos versos, além do par que o integra.<sup>35</sup>

Derradeiramente, tendo em aspectos do *De re rustica* de Columela verdadeiro referencial para os temas – e a própria forma – de sua obra, é no mínimo curioso que, do ponto de vista temático, Paládio não ecoe de maneira direta o *De cultu hortorum* no *Carmen de insitione*,

<sup>32</sup> White, 1970, p. 246: “The soil for the kitchen garden should be friable and permeable (6ff); it should be situated near a running stream, for this kind of gardening is a continuous process, and irrigation is essential ‘to quench the garden’s ceaseless thirst’ (23ff). Further it must be enclosed, either by a wall or thickset hedge, to keep out cattle and thieves (27 ff.). Then follows excellent advice on digging (46 ff.), manuring (76 ff.), and the laying-out of the various beds (91 ff.). The main body of the text contains the names of sixty plants, of which no less than twenty are herbs. Pride of place goes to the cabbage, which is introduced with a mock-heroic flourish (126 ff.), and to the lettuce, whose five leading varieties prompt the poet to an outburst of lyric fervor (179 ff.). Herbs for flavoring and seasoning feature prominently in the calendars, along with the vegetables and fruit which have always held an important place in the Italian diet” (tradução nossa).

<sup>33</sup> Veja-se *supra* nota 7 e o trecho de corpo de texto que explica.

<sup>34</sup> Veja-se Catulo (1996, p. 150), *Carmina* 85: *Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris. / Nescio: sed fieri sentio et excrucior.* – “Odeio e amo. Por que o faça, talvez perguntes. / Não sei: mas sinto acontecer e me torturo” (tradução nossa).

<sup>35</sup> Veja-se Paládio, *Opus agriculturae* XV, 77-80: *Insita proceris pergit concrescere ramis / et sociam mutat malus amica pirum / seque feros siluis hortatur linquere mores / et partu gaudet nobiliore frui.* – “A macieira enxertada em ramos elevados continua / a crescer e, amigável, muda a pereira a que se associa. / Ela se exorta a deixar os rudes hábitos nos bosques / e fica contente por aproveitar frutos mais nobres” (tradução nossa).

mas antes Virgílio de *Geórgicas* II, 69-82, trecho no qual esse poeta tratara rapidamente do mesmo tópico da enxertia. Com isso, adota o procedimento, não raro na poesia latina, de evocar um predecessor imediato – no caso, Columela –, contudo inserindo na própria obra elementos omitidos por tal predecessor, quando imitou “com falhas” outro poeta ainda mais antigo (CAIRNS, 1989, p. 194-195). Também através desse efeito, acrescentamos, Paládio reescreve Columela, modificando seus temas técnico-poéticos, e Virgílio geórgico, expandindo-o e reabilitando, de sua obra, algo que fora preterido no *De re rustica*.

## Conclusão

Esperamos ter oferecido, com essa discussão, subsídios para que se entenda a plena inserção de Rútílio Tauro Emiliano Paládio na tradição da literatura agrônômica da Antiguidade (SILKE, 2005, p. 284). Isso se dá, vimos, ao menos por duas vertentes distintas: quando, como Virgílio, o autor reescreve poeticamente o tema da enxertia, amiúde desenvolvido em prosa alhures; ainda, quando retoma, no *Carmen de insitione*, o gesto columeliano (em *De cultu hortorum*) de inserir em meio a um tratado técnico-prosístico um livro majoritariamente escrito em versos, fazendo-o encabeçado por um próêmio tradicional e, ao mesmo tempo, afinado com as específicas metáforas financeiras de Columela, para referir-se a aspectos do manejo literário.

Em que pese a diferenciação de cada uma dessas vertentes, nos termos dados, Paládio em um caso e outro introduz algo seu nos procedimentos de escrita herdados dos modelos, vindo, assim, inclusive a expandir por oitenta e cinco dísticos elegíacos um tratamento da enxertia que Virgílio (em *Geórgicas* II, 69-82) condensara em apenas quatorze hexâmetros datílicos, bem como, entre outros ajustes, a modular o assunto do *Carmen de insitione* e sua abrangência técnica, no cotejo com *De cultu hortorum*. Assim, o derradeiro dos agrônomos de Roma Antiga pôde acrescentar a própria contribuição a um legado que, decerto, não recebeu passivamente.

## Referências

- ANDREAU, Jean. *L'économie du monde romain*. Paris: Ellipses, 2010.
- ARMENDÁRIZ, José Ignacio García. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla: Universidad de Sevilla: Universidad de Cádiz, 1995.

CAIRNS, Francis. The Aeneid as Odyssey. In: CAIRNS, Francis. *Virgil's Augustan Epic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 177-214. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511597336.009>.

CARTELLE, Enrique Montero. Prosa técnica no gramatical. In: CODOÑER, Carmen. (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007. p. 795-810.

CATON; VARRON; COLLUMELE; PALLADIUS. *Les agronomes latins*. Avec la traduction en français, publiés sous la direction de M. Nisard. Paris: Garnier Frères, 1851.

CATULO. *O livro de Catulo*. Trad., introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

COLUMELLA. *On Agriculture X-XII: On Trees*. With an English translation by E. S. Forster and Edward H. Heffner. London: Harvard University Press, 1968.

FITCH, John G. Introduction. In: PALLADIUS. *The Work of Farming (Opus Agriculturae)*. A new translation from the Latin by J. G. Fitch. Devon: Prospect Books, 2013.

HORACE. *The Odes and Carmen Saeculare of Horace*. Translated by John Conington. London: George Bell & Sons, 1882.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (org.). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1093/acref/9780199545568.001.0001>.

LOWE, Dunstan. The Symbolic Value of Grafting in Ancient Rome. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 140, n. 2, p. 461-488, Autumn 2010.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Org. de Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

PALLADIUS. *Das Bauernjahr*. Herausgegeben und übersetzt von Kai Brodersen. Berlin: Walter de Gruyter, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110432138>.

PALLADIUS. *The Work of Farming (Opus Agriculturae)*. A new translation from the Latin by J. G. Fitch. Devon: Prospect Books, 2013.

PALMER, Leonard R. *The Latin Language*. Norman: University of Oklahoma Press, 1988.

PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

PREMINGER, Alex; HARDISON, O. B.; WARNKE, Frank J. (org.). *Encyclopedia of Poetry and Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1987.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROBY, Courtney. Latin Didactic, Scientific, and Technical Literature. In: OXFORD Handbooks online. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 1-23. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935390.013.100>. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935390.001.0001/oxfordhb-9780199935390-e-100>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SANTOS, Gilson José dos. *Literatura agrária latina*: tradução e estudo do *De Re Rustica* (livro IX) de Columela, e *Geórgicas* (canto IV), de Virgílio. Orientador: Matheus Trevizam. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SILKE, Diederich. Das römische Agrarhandbuch as Medium der Selbstdarstellung. In: FÖGEN, Thorsten (org.). *Antike Fachtexte: Ancient Technical Texts*. Berlin: Walter de Gruyter, 2005, p. 271-288.

THOMAS, Richard Fitzgerald. Introduction. In: VIRGIL. *Georgics, volume I: Books 1-2*. Edited by Richard F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-34.

THOMAS, Richard Fitzgerald. Prose into Poetry: Tradition and Meaning in Virgil's "Georgics". *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, v. XCI, p. 229-260, 1987. DOI: <https://doi.org/10.2307/311407>.

VANSAN, Jaqueline. *Poética e retórica nas Heroides de Ovídio*: uma análise da *Epístola I*, de Penélope a Ulisses. Orientador: João Batista Toledo Prado. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.

VIRGILE. *Georgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

WHITE, K. D. *Roman Farming*. London: Thames & Hudson, 1970.

Recebido em: 26 de julho de 2021.

Aprovado em: 23 de setembro de 2021.